

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº99 - MAIO - PORTO VELHO, 2003  
VOLUME VII  
ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**ARTUR MORETTI** - Física  
**CELSO FERRAREZI** - Letras  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação  
**MARIO COZZUOL** - Biologia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

[nilson@unir.br](mailto:nilson@unir.br)

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

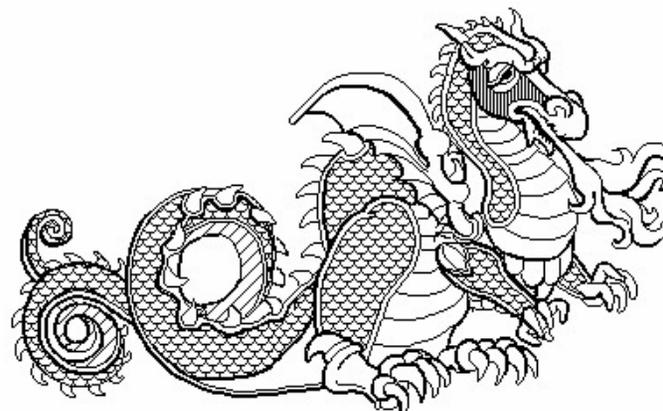
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**99**



## O TEXTO DA LITERATURA

**ALBERTO LINS CALDAS**



## Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História – UFRO  
www.unir.br/~caldas/Alberto  
linscaldas@enter-net.com.br

## O TEXTO DA LITERATURA

***incipit:*** A convivência dos opostos não é a exceção mas a regra. A literatura é a justa articulação entre as múltiplas verdades e as infindáveis mentiras convivendo no mesmo feixe vivencial, no mesmo objeto, no mesmo caso, na mesma lembrança. A identidade, a raça, a pessoa, o sim, o não são ridículas imposturas. Real e irreal, corpo e mente, sonho e realidade: os opostos só existem enquanto opostos numa “sociedade” ainda envolvida nas suas ficções essenciais (comerciais) como se fossem Natureza. E toda Natureza só existe enquanto sistema de crenças neuróticas, voyeristas, fetichistas, racistas, mercantis: ficções reificadas postas a serviço de sua própria manutenção, perpetuação e tortura (a Natureza é uma ideologia no sentido marxiano do termo, por isso não pode aparecer como uma mega-ficção). Ficções esquizóides mordendo os dedos dos pés, sonhando que nada daquilo é verdade e que a realidade não é nada daquilo, não é aquilo ali mordendo os dedos dos pés: função exploradora: quanto mais imbecil melhor (invenção colonial).

### I

1 - Quem aparece como esquizóide (clivagem selvagem nas ficções fundamentais) é o texto da literatura (ou indivíduos). Numa relação comparativa entre as ficções estabelecidas e cristalizadas o texto da literatura se torna “incoerente”, “discordante”, “apresentando sintomas de desagregação e afastamento do real” (tratado como “louco” tanto o escritor quanto a literatura: bom índice diferencial entre a Literatura e a literatura); se dobra sobre si mesmo num visível processo masturbatório; vive entregue às suas próprias criações, sem olhar o mundo, sem reconhecer ninguém: o imóvel não vê o movimento.

2 - O texto da literatura é paranóico (sua regra é o desregramento). Impõe seus delírios, seus desejos, seus vícios, seus sonhos, suas manias. E se dissolve, se dissipa nas instáveis clivagens selvagens como se estivesse numa orgia. Seu corpo é o corpo dessa orgia. Sua paranóia é outra paranóia: a que está além, depois, no outro, no entorno: sua “forma” diz esse outro: a paranóia não é dele, texto, mas da virtualidade: o texto da literatura é hipertexto.

3 - O texto da literatura são ex-pressões vivas, em carne viva, dos conflitos, das in-articulações, da pré-ssão entre as ficções básicas alienadas e a vida com suas inconciliáveis convivências dos opostos: os corpos estão no centro: logo eles que são as micro-ficções que não somente estão mais próximas de “mim”, mas que são “eu-mesmo”: nessas micro-ficções se problematizam todas as questões, incertezas, fluxos das grandes ficções da virtualidade: o texto da literatura é um

corpo: o corpo e suas fissuras: não é mais natural, não consegue mais manter uma hegemonia de gênero, de raça, de idade, de povo, de cultura: interferências ficcionais de um outro corpo, outro texto: hipertexto.

4 - O texto da literatura é um dispositivo vibratório sempre em harmonia com o des-armônico, sempre re-produzindo a dis-sonância com apurada beleza: somente a simetria pode dialogar e abrir a compreensão do assimétrico, do monstruoso (transparência ficcional deixando ver, por não se alienar da sua própria condição, as ficções vivas da vida humana: essa simetria não é um existente, mas posta a existir pelo assimétrico e pelos fluxos vivos do grotesco do mundo): o assimétrico do viver apresenta-se como simetria: a simetria da literatura apreende a falsa simetria das ficções sociais, retornando com sua assimetria fundamental.

5 - O texto da literatura é uma per-versão: é um desvio, sempre clivagem do "normal". Seu gozo (sua ex-pressão, seu desejo, seu imaginário) não acontece com o "corpo" cristalizado (nos mesmos lugares): seus deslocamentos evidenciam, expandem, apontam, des-vendam as cristalizações, os falsos desejos, os gozos que não gozam (não os que adiam ou os que recusam, mas os que não conseguem gozar querendo: o gozo não é Natureza mas conquista ficcional). Tudo aquilo que somente reproduz, aquilo que existe para fazer continuar, não goza.

6 - O texto da literatura (do ponto de vista do autor, da obra terminada, do algo-concluído) é a resultante de um diálogo-de-busca (singular, individual, grupal, coletivo: ponto de chegada e ponto de partida: resumos da aventura). Um dos seus "métodos" é o de pôr em evidência (as palavras, as ações, as ficções sociais, as concreções-indivíduo) aquilo que não consegue ser dito através das vozes-permitidas: esse além da voz.

7 - O texto da literatura aconte-ce, ad-vem da fenda selvagem entre as ficções sociais naturalizadas e os fantasmas que as assombram: do perigo desse vazio onde não há ficções protetoras, corpo, cartografias, sem os outros, sem linguagem, corre fios fantasmáticos do mais puro horror: daí ad-vem a literatura.

8 - O texto da literatura não é somente mais um "objeto cultural", uma "expressão artística", mas aquilo que Proust chamava de "instrumento óptico": ele faz ver (faz sentir, faz pensar, faz descobrir, faz fluir, faz negar, faz vivenciar: a abertura de Heidegger). Mas não faz ver qualquer espetáculo, qualquer história, qualquer palavra e imagem. Aquilo que pode ser visto difere essencialmente do que é visto tanto na Literatura (lugar oficial de contar histórias), quanto na Literatura Engajada e na Literatura de Massas, chegando até mesmo na Literatura Popular.

Mas tanto esse "instrumento óptico" quanto as noções cristalizadas de Literatura, Literatura de Massas, Literatura Engajada, Literatura Popular e até mesmo de literatura esconde o caráter negativo das palavras a que nos referimos. O "instrumento óptico" é, antes de tudo, um trajeto diferencial, uma multi-articulação, uma inflexão negativa que, se encontramos mais naquilo que denomino *literatura*, corta e marca todos os discursos, sejam "literários" ou não: é a tensão entre as placas das ficções sociais cristalizadas (como Natureza, História, corpo, sociedade) e o entre-placas: é o que contesta a hegemonia. Sua aparência se dá inesperadamente em praticamente todos os discursos, mas de uma maneira inesperada, não sabida. Na literatura ela acontece voluntariamente.

9 - O texto da literatura retira das tensões inconciliáveis (corporais, intelectuais, políticas, econômicas, existenciais) sua substância, suas estratégias, sua per-versão e sua sub-versão na busca por aquelas palavras perdidas, aquelas interioridades não ditas, os rastros ficcionais irrealizados, aquelas vidas torturadas pela repetição do mesmo, pelas políticas do somente o mesmo.

10 - O texto da literatura não é um julgamento; ele não separa o verdadeiro do falso, o correto do errado, o negativo do positivo; seu trajeto (seu ser é percurso) plasma os fluxos, os devires, os choques, os vazios: como/porque "tudo isso aqui" se tornou assim; julgando somente teríamos uma "escolha de lado", não uma dissolução do conjunto, uma compreensão de trajeto, um deslocamento; por isso a *descrição*, o *contar história*, o *literário historiográfico*, a *literatura de classe média*, são discursividades integradas: suas funções são reforçar, agradar, articular, vender, corresponder, julgar.

11 - O texto da literatura é um mergulho no inconsciente: mas o horror desse inconsciente é de-fora, ele fere socialmente (o que se ultrapassa não é somente o que leva para-dentro, mas o que arrasta para um além do visível: aquilo que deforma o viver); se ele angustia pessoalmente, singularmente, é porque é um horror coletivo.

## II

12 - O mimetismo é mortal. É o ambiente e não é. É o objeto e não é. É lento e violento. É tocaia. Medo. Estratégia e fome. Vingança. Técnica e tecnologia. Tecnologia do movimento, do espaço, do tempo, das relações. Efeito óptico. Engano mortal. Instintivo e reprodutor. Ambivalente e entregue a si mesmo. Aquilo que aparece é o entorno, mesmo havendo movimento e ações que desvendam essa "simplicidade". O aparecer é soberano (tudo é igual mesmo sendo diferente, ou a diferença deve se vestir do igual para sub-existir: só existe enquanto confusão entre si mesmo e o meio: essa sub-existência é o existir como aparece).

13 - As "técnicas miméticas" são quase sempre as mesmas de um tipo de texto da Literatura que se compraz na expressão de certa visibilidade reconhecível, "existencial", jornalística, historiográfica, etnográfica, mercadoria e "expressão da vida social". Permite sobreviver, falar de um lugar privilegiado, exercer um discurso igual ao ambiente e às forças fundamentais da ilusão do programa social (uma reapresentação de apaziguamento). Discurso que se torna dominante por reproduzir não somente os discursos dominantes mas as posições dominantes da aparência enquanto ficção essencial à camuflagem das suas funções (a aparência é um artifício da virtualidade: aparecer diferente do que é não é "natural", mas "configuração de programa").

14 - O texto da Literatura (não da literatura), normalmente, é um artifício de camuflagem inconsciente (por isso servir tão bem aos historicismos e às visões etnográficas). O lugar das harmonizações, das confirmações, das simetrias, das festas, dos reforços sociais, dos gestos conciliatórios. O além da aparência só aparece a contra-gosto, na contra-mão, com uma contra-leitura. A "busca consciente" dessa "espécie" de texto é ser uma mímica do real,

daí resvalar sempre para uma forma patética de “jornalismo”. É uma estratégia discursiva que faz desaparecer os perigos, as armadilhas, as posições, os funcionamentos perversos, as lógicas de exploração.

### III

15 - O “romance” é quem inicia a literatura, é quem reúne condições para atingir os devires de um novo mundo (capitalismo): texto que articula os poderes tradicionais da prosa e da poesia enquanto artifício de ver além do vivenciado.

16 - Sem Deus, sem Natureza, sem Sociedade, sem Homem, sem Gêneros o “romance” (o próprio “romance” não é mais um gênero) não pode criar mais um *personagem*, essa figura representativa em segundo grau de outro fantasma: a *pessoa*. Sem essência, sem bem e sem mal (ou somente um mal absoluto), sem passado ou futuro, sem os tradicionais afazeres do imediato o romance deve enfrentar esse outro-ser, que não se origina mais na Grécia, na Paidéia, em Jesus, na Bíblia, muito menos nas Gramáticas, ou na visibilidade de um mundo duplamente velho. O “romance” é o lugar dessa transformação, o lugar de criação desse não-ser em vez do ser, desse não-lugar em vez do lugar, desse não-personagem em vez do personagem. Para isso o “romance” teve de conquistar a dimensão de teatro: tudo advirá dos devires, dos ritos de uma caça presente que jamais se realizará em caça real, pois sua dimensão será sempre o provisório inexistente da caça futura.

17 - Os vários tipos de “perdas de suporte material” exigem a reescrita do “romance”: o mundo não é mais um estar-aí a ser descrito, um estar-aí tecnológico a atravessar o texto como uma indicação de tempo; um estar-aqui psicológico a ser descrito como uma coisa externa ou uma seqüência caótica de frases, palavras e sinais; não pode mais haver a ilusão ontológica fundamental, aquele esquecimento básico que funda todos os discursos e todos os discursos sobre os discursos (sabemos que nosso discurso é um discurso sobre discursos: é preciso enfrentar essa dimensão inescapável da *verdade*: ela não corresponde ao “existente”, mas ao ser do existente: a verdade e o real não são brechas do ser, memória, a presença do imediato, mas construções vivas dos próprios fluxos de linguagem esquecidos ou reificados): o além só existe pelos campos de forças e os fiapos ficcionais que escapam do viver: lugar privilegiado para vivenciar o horror.

18 - O “romance” é o carnaval da língua-gem, o enfrentamento das ambigüidades irre-conciliáveis. E mesmo ao se parecer com a Epopéia, lá no fundo, atrás da cortina (onde sempre se esconde um palhaço que normalmente é atravessado por uma espada), há um imenso riso, uma contida gargalhada contra os maniqueísmos, as lógicas do senhor, o pietismo, a ordem, o sentido, a simetria: feita sempre por e para todas as formas de singularidade, se enquadra muito mal no “gênero romance” (não é à toa a dificuldade teórica para definir, compreender e analisar todos os aspectos articulados do “romance”).

19 - Portanto, a literatura conquista, com o "romance", a dimensão dos devires populares, das línguas do povo, das reversões, brincadeiras, in-versões, subversões do carnaval básico da linguagem em suas redes fundamentais (mas na fonte de linguagem que cria, circula, mantém e reproduz o ser o carnaval também é o permitido, o ritualizado: o de cabeça para baixo dentro do possível): o "romance" é uma gargalhada escrita.

20 - Mesmo tendo sido, desde o começo, adestrado, polido, ordenado, o "romance" traz em sua substância a mesma "origem" do ser: virtualidade viva de linguagem em devires. Mas esse "romance" (riso vivo, fluxos de linguagem subterrâneas aflorando camufladas em aparência), normalmente, se transforma no Romance (uma história contada em muitas páginas ou segundo uma forma narrativa).

21 - Esses devires sempre incomodaram "as sociedades" e a "sociedade burguesa" em especial: o Romance papagueia as linguagens instituídas, as formas com simetria gorda, imóvel, querida, desejada: mas ainda assim são formas que depois que o leitor fecha o livro se solta em perversões admiráveis – nos sonhos do leitor, nas múltiplas construções entre memória e esquecimento (a arte da memória como uma arte do esquecimento). Mas a respeitabilidade, a forma pré-estabelecida (ou a revolução da forma como essência dessa forma) se tornou relações em torno do romance.

22 - A base carnavalesca (onde há o vislumbre da Natureza e do ficcional), sub-vertendo o existente, deixou de atuar nas longas redes do Romance. O que era riso se tornou cristalização; o que era desarticulação se organizou como método, como técnica e tradicionalmente posto numa posição (a mesma dos discursos, dos sujeitos, das interioridades que liam, produziam, circulavam e mantinham o Romance como um gênero: o riso foi capturado pelo discurso).

23 - A historiografia, as Ciências Naturais, as Ciências Jurídicas, o "espírito policial", tentam conformar o "romance" às suas ordens no mundo. E o Romance se transforma no "espelho da natureza", o "reflexo literário da sociedade", a "expressão do homem", um "gênero literário", uma "forma literária". Mas o "romance" não é burguês: burguês é o Romance, que se tornou burguês traindo seus devires, suas formas, seu riso essencial, sua inflexão para a singularidade e os movimentos dessa singularidade-ao-lado.

24 - Em lugar da fala viva (pois o "romance" vem da língua e não da palavra: da incomunicabilidade, das brechas, dos inaturais), as Gramáticas; no lugar da multiplicidade polifônica, a única voz; no lugar da aventura, o código civil; no lugar do "romance" as "análises do Romance"; no lugar das metamorfoses, os papéis sociais travestidos de realismo; as imagens da Economia, da Política, da Sociedade e suas classes.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

*Há coisas  
Dentro de si mesmas  
Como o ovo*

*Há outras  
Que teimam em nascer  
De novo*

*Como a pedra*

*Entre pedra e ovo  
A semente secreta*

CARLOS MOREIRA